



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

“EU CHEGUI”: NADA NA LÍNGUA É POR ACASO

Edna Ranielly do Nascimento
CH/UEPB

niellyfersou@hotmail.com

Jobson Soares Da SILVA
CH/UEPB

jobsonsoares@live.com

Janaína da Costa BARBOSA

janne3010@hotmail.com

PIBID/CH/UEPB

INTRODUÇÃO

Desde a época colonial, a língua do português europeu foi valorizada como superior aos dialetos indígenas que aqui no Brasil existiam. Atualmente, ainda percebemos resquícios desta concepção de superioridade linguística, através das inúmeras situações de inferiorização em que as variantes do português brasileiro, que se distanciam da norma padrão, são submetidas.

Mediante tal realidade, objetivamos relatar uma experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, situada no município de Lagoa de Dentro-PB, que ocorreu através da observação da construção linguística “Eu Chegui” constantemente utilizada por um aluno de aproximadamente dez anos. Optamos por chama-lo de aluno X, de modo a preservar sua identidade.

Através dessa construção objetivamos defender a teoria de que nada na língua ocorre por acaso. Que qualquer variante tem bases sólidas, para utilizar determinada construção em detrimento de outra.

Para alcançar estes propósitos, utilizaremos como referenciais teóricos Bagno (1999 & 2007) que traz um estudo acerca do preconceito linguístico e da construção do português brasileiro desde o latim. Bortoni-Ricardo (2004) que faz estudos linguísticos pautados no contexto social dos seus falantes e Travaglia (2002) que associa a variação linguística ao ensino de Língua Portuguesa.

METODOLOGIA



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF
II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

Este trabalho é fruto de uma experiência vivenciada a partir de observações realizadas no espaço escolar. Constatou-se diariamente o discurso linguístico do aluno X. Observando-se que o respectivo aluno constantemente utilizava a construção linguística “eu cheguei” e que sempre era preprendido por alguns componentes da escola.

A partir deste momento, enquanto estudantes de letras, engajados nos estudos sociolinguísticos, buscamos apoio teórico para comprovar que a construção utilizada pelo aluno não é totalmente incoerente, pois na língua nada ocorre por acaso.

De forma assim, a contribuir para a desconstrução da falsa ideologia que defende uma variante superior, e sendo esta superior é a única capaz de produzir compreensão. Enquanto as demais são uns emaranhados de fios que não se conectam.

Além de mostrar ainda, através das observações referentes à linguagem do aluno x, que é preciso voltar-se para discussões que contribuam para a extinção do preconceito linguístico ainda presente nas escolas brasileiras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o objetivo de defender que o nosso português brasileiro não é inferior ao europeu. Bagno (1999 p.30) afirma que,

Nosso país é 92 vezes e meia maior que Portugal, e nossa população é quase 15 vezes superior! Quando se trata de língua, temos de levar em conta a quantidade: só na cidade de São Paulo vivem mais falantes de português do que em toda a Europa! Além disso, o papel do Brasil no cenário político-econômico mundial é, de longe, muito mais importante que o de Portugal. Não tem sentido nenhum, portanto, continuar alimentando essa fantasia de que os portugueses são os verdadeiros “donos” da língua, enquanto nós a utilizamos (e mal!) apenas por “empréstimo”.

Eis o primeiro ponto que necessita ser destacado. O nosso português não é a ‘versão’ ruim do português de Portugal, pois não somos a imitação linguística de tal país. Afinal, o Brasil apresenta um contexto totalmente diferenciado do país colonizador. Porém existem entre ambos uma interligação



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

muito forte que é o Latim, língua que ofereceu as duas vertentes portuguesas, subsídios para as suas existências. É através do Latim que pudemos constatar uma explicação para a utilização do termo ‘Eu cheguei’, ao invés de ‘eu cheguei’ como impõe a norma padrão.

Primeiramente é preciso delinear o perfil do nosso aluno x. Como já mencionado, ele tem aproximadamente 10 anos. Mora na zona urbana, com pais analfabetos, de classe baixa e cursava na época o 5º ano do Ensino Fundamental.

A partir do perfil já delineado do nosso falante. Propomo-nos a discorrer de forma mais abrangente os principais fatores que contribuem para o seu discurso linguístico.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004) existem inúmeros fatores que interferem na construção linguística. Ela menciona os grupos etários, o gênero, o status socioeconômico, o grau de escolarização etc. Vamos nos deter mais especificamente ao grau de escolarização e ao status socioeconômicos. Bortoni-Ricardo (2004 p.48 grifos nossos) afirma que, “as diferenças de status socioeconômico representam desigualdade na distribuição de bens materiais e de **bens culturais**, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas”. A autora afirma ainda que, “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico.” (BORTONI-RICARDO, 2004 p.48).

O falante analisado não tem acesso aos bens culturais, em todas as esferas sociais, como alguns alunos da própria escola. Assim como, não tem um alto nível de escolarização, nem tão pouco amadurecimento linguístico suficiente para compreender que o verbo regular *Chegar* faz parte da primeira conjugação e que, portanto, quando conjugado no pretérito perfeito segue o mesmo parâmetro conjugativo dos demais verbos da 1ª conjugação, construindo assim o termo *cheguei*. Contudo, o aluno X, não diria “eu cheguei” se a língua não permitisse tal construção.

Bagno (2007 p. 38 grifos do autor) nos auxilia na compreensão do tipo de construção linguística utilizada pelo falante estudado, ao explicar que existe um fenômeno chamado de analogia. Ele diz que,



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

A **analogia** é um processo cognitivo por meio do qual os falantes da língua tendem a **regularizar** formas irregulares e menos gerais com base em outras formas, mais regulares e de emprego mais frequente. No estudo diacrônico de qualquer língua é possível observar a analogia em ação, na medida em que formas outrora irregulares passaram a se enquadrar em paradigmas regulares.

Ou seja, o aluno x tinha como construção linguística mais frequente, termos como “eu venci”, “eu comi” entre outros. Conseqüentemente ele fez uma analogia desses verbos para construir “eu chegui” por achar que seguiam os mesmos processos de conjugação.

O que nos propomos a defender com tal afirmação, não é a abolição do ensino da forma “correta”, mas a consciência de que este termo é permissível dentro dos recursos linguísticos da Língua Portuguesa. Por isso é preciso conscientizar-se de que esta analogia ocorre desde muito tempo atrás. Eis uma exemplificação que comprova tal afirmação,

[...] Em Português [...] os verbos impedir, expedir, despedir, que ainda no século XVII, se conjugava eu impido, eu expido, eu despido etc. [...] No entanto, por analogia com a conjugação de pedir (eu peço), aqueles verbos, que não têm nenhum parentesco etimológico com pedir, passaram a se conjugar como este. (BAGNO, 2007 p.39).

Veja que esta modificação tornou-se tão frequente que foi aceita pela norma culta, e hoje se torna uma variante constantemente utilizada. O que mostra que a língua se reconstrói a cada dia.

Em síntese, enquanto educadores não podemos contribuir com situações como as observada na escola estudada. Presenciar no próprio contexto escolar o preconceito linguístico de forma tão nítida. Travaglia (2002) afirma que certas variantes são vistas, por muitos, como algo que é motivo de riso, algo que é errado. Foi exatamente o que ocorreu com a variante “eu chegui” utilizada pelo aluno x.

Bagno (1996) em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é e como se faz*, afirma que precisamos mudar nossa concepção de erro e compreender que, o que encontramos geralmente, não são erros de Português, mas erros de ortografia. Ao dizer “eu chegui” o aluno comete “erros” na estrutura da palavra segundo a norma culta, mas não no sentido. Conseguimos compreender



IV ENID

IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB
21 e 22 de novembro de 2014

ENFOPROF

II Encontro de Formação de Professores da Educação Básica

perfeitamente, que o aluno x quis dizer que acabou de chegar “professora eu cheguei”. Não despreza as regras de funcionamento da nossa língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que nos propusemos fazer mostrou-se importante contribuinte para a nossa reflexão acerca da variação linguística e o ensino de LP. De modo que pudemos concluir de forma satisfatória os objetivos determinados no início deste trabalho. Afinal, através da experiência vivenciada na Escola Getúlio Vargas e dos conhecimentos teóricos fundamentados na sociolinguística pudemos comprovar que nada na língua ocorre por acaso, isto é, a construção “eu cheguei” é profundamente coerente na perspectiva histórica da Língua portuguesa e nos fatores sociais que condicionam o falante a tal uso.

Este estudo mostrou-se também uma importante ferramenta para a defesa discursiva de uma escola liberta dos preconceitos linguísticos. Afinal, infelizmente, a experiência relatada é mais uma, entre muitas situações semelhantes existentes no nosso País.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Gramática histórica: do latim ao português brasileiro. UNB: Brasília, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é e como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 8º ed. São Paulo: Contexto, 2002.